

o homem chamado a crescer e o Filho de Deus que se faz carne. Para obter o espírito do Senhor, como escreveu na Regra (bulada) de 1223, Francisco utiliza as armas da fraternidade e da menoridade. Chamou, por isso, à instituição Ordem dos Frades Menores. O homem discreto, que utiliza o discernimento a partir do modelo e da palavra de Jesus, manifesta quanto vale pela pobreza interior e pela humildade, pela alegria e pela penitência (capacidade de o homem melhorar constantemente o seu estilo de vida. O Capítulo e a fraternidade, na Ordem Franciscana, constituem dois lugares privilegiados para um discernimento aberto e um diálogo enriquecedor. O carisma franciscano toma ali corpo, de modo a ser o fermento da pastoral das vocações. O assunto é objecto do quinto e último capítulo, um capítulo de doutrina muito prática, onde se aprofunda o problema a partir do estudo das diversas espécies de maturidade: a física, intelectual, emotiva, sexual, social, religiosa, espiritual e franciscana. Conclui por afirmar que a vida franciscana consiste no seguimento de Cristo pobre e humilde, em viver os três conselhos evangélicos, no respeito para com o clero, pelo evitar o uso do poder e da influência, no reconhecimento dos próprios limites, na luta permanente contra o espírito da carne e no amor fraterno levado às últimas consequências. Neste livro de Enzo Fortunato procuram-se descobrir, criar atitudes existenciais que ajudem os filhos de São Francisco a tornarem visível, tangível e significativo o próprio testemunho de vida. — *Pinto Rema*

ACCROCCA, FELICE — *Francesco e le sue immagini - Momenti della evoluzione della coscienza storica dei frati Minori (secoli XIII-XVI)*, — Vol. de 170x240 mm e 268 pp. Centro Studi Antoniani, Padova, 1997.

Todos quantos se interessam pela «questão franciscana» encontrarão neste trabalho

de Accrocca, que principiou por ser tese de doutoramento na Faculdade de História Eclesiástica da Pontifícia Universidade Gregoriana, a evolução da historiografia franciscana sobretudo no último século, desde os estudos de Paulo Sabatier aos de Raoul Manselli e de Giovanni Miccoli. A riqueza espiritual de São Francisco de Assis é tão grande, que dá para as mais diversas imagens que dele se têm feito, a partir das biografias oficiais, das biografias não oficiais e do que ele próprio escreveu, sobretudo na Regra e no Testamento. A polémica acerca da sua imagem instalou-se logo após a sua morte. Uns viam-no retratado na Regra e outros no Testamento, ao ponto de o Capítulo Geral de 1230 ter decidido pedir ao Papa Gregório IX para dirimir a questão, o que ele fez pela bula *Quo elongati*. A *Vita Prima* de Tomás de Celano, afirmava-se, não retratava de forma cabal o génio que fora Francisco de Assis. A citada bula, em cuja redacção terá tido alguma influência Santo António de Lisboa, pospõe o Testamento relativamente à Regra. Isto significa que a história oficial do franciscanismo está a mover-se em perspectiva diferente da do Fundador. Clamam então os companheiros mais próximos do Santo que é preciso regressar às origens. Um tal João de Campagna, notário da Cúria pontifícia, a pedido de Gregório IX terá escrito uma biografia de São Francisco, identificada pelas primeiras palavras latinas *Quasi stella matutina*, a fim de preencher as lacunas da *Vita I* de Celano. Mandadas destruir, juntamente com outras, pelo Capítulo Geral de Paris de 1266, nele se aprovou a *Legenda Maior*, redigida pelo famoso teólogo Fr. Boaventura de Bagnoregio, que lhe fora encomendada pelo Capítulo Geral anterior, o de 1263. Nem tudo, porém, se perdeu. Parte do texto atribuído ao notário João encontra-se na *Vita II* de Tomás de Celano. A *Compilatio Assisiensis*, que será o resultado da consulta feita à Ordem em 1244 pelo Ministro Geral Crescêncio de Jesi, a que respon-

deram três frades do Convento de Greccio (Leão, Rufino e Ângelo), também aí está. Da contestação às biografias oficiais e a uma imagem de São Francisco que se julgava não corresponder à realidade é que nasceu o movimento dos Espirituais, de que são expoentes maiores Ubenino do Casal e Ângelo Clareno (ca 1255-1337), este último muito aproveitado nesta monografia sobre a evolução da história da Ordem dos Frades Menores. Clareno confessava-se fiel à Regra e a São Francisco (que sublimava ao extremo de o considerar *Alter Christus*) e obediente à Igreja, o que não o impediu de ser perseguido e andar em fuga constante para não ser preso. Definem-no um rebelde de consciência tranquila. Curiosamente, os Espirituais, embebidos pela literatura dos *Nos qui cum eo fuimus*, reprovada no Capítulo Geral de Paris de 1266, e alimentados por religiosos por demais afectos ao Fundador mas fora da linha evolutiva da Ordem, irão dar origem à chamada Observância nos séculos XIV e XV e aos Capuchinhos no século XVI. De facto, as Ordenações de Albacina de 1529 e as Constituições romanas de 1536 denunciam uma filiação dos Espirituais e um retorno a São Francisco, quando, na Península Ibérica do séc. XV se pensou na divulgação da vida de São Francisco, não se recorreu às biografias oficiais de São Boaventura ou mesmo de Tomás de Celano, sim às biografias não oficiais. O *Floreto de Sant Francisco*, publicado em Sevilha no ano de 1492, é uma antologia extraída das biografias não oficiais (reprodução facsimilada feita em 1988: cf *Itinerarium*, n.º 132, Out.º-Dez.º 1988, p. 408). Jacques Dalarun, completamente integrado nos estudos franciscanos deste final do século XX, em *Posfácio* (pp. 233-252) à obra de Felice Accrocca, ergue-lhe uma porção de problemas, redimensionando-lhe as novidades e apreciando-lhe o método historiográfico-dialético e crítico-positivo. De realçar, as conclusões tiradas do material enviado em 1246 a Crescêncio de Jesi.

material que irá constituir a *Compilatio Assisiensis*, e a imagem de Francisco feita por Ângelo Clareno, de enorme influência em autores franciscanos que se lhe seguiram e o leram, concretamente na *Franceschina*, de Giacomo Oddi, e nas *Crónicas*, do nosso Fr. Marcos de Lisboa. — *Pinto Rema*

MARANGON, PAOLO — *Ad cognitionem scientine festinare - Gli studi nell'Università e nei Conventi di Padova nei secoli XIII e XIV*, a cura di Tiziana Pesenti — Vol. de 170x240 mm e 532 pp., Centro per la Storia dell'Università di Padova, Edizioni Lint (Trieste), MCMXCVII.

Paolo Marangon faleceu inesperadamente na noite de 31 de Dezembro de 1984, aos 38 anos de idade. Era professor associado de História da Filosofia Medieval na Universidade de Pádua e laureado em Paleografia. Tiziana Pesenti apresenta o Autor e justifica a escolha dos 20 ensaios e dois apêndices deste volume, escritos entre 1974 e 1984, dedicados essencialmente à história da cultura da Pádua medieval. São quase todos resultado de investigações empreendidas no campo do aristotelismo latino e das Ordens Mendicantes. Como paleógrafo e com uma formação científica de base, como o demonstra no aparato crítico destes ensaios, Paolo Marangon é alguém que nos inspira confiança científica. Muito ligado aos franciscanos conventuais de «Il Santo» de Pádua, não nos admira encontrar no seu espólio literário e histórico estudos sobre o Doutor Evangélico. Marangon começou por colaborar na edição crítica dos *Sermones Dominicales et Festivi* de Santo António, publicada em 1979. Vergilio Gamboso, autor de vasta e profunda bibliografia antoniana, dedica neste volume nada menos de 12 páginas a «Paolo Marangon, Antonianista», de homenagem ao amigo e colaborador da colecção *Fonti agiografiche antoniane*. Além de ou-